

O território brasileiro carrega uma história marcada por luta de classes minoritárias ao direito de morar, as reivindicações vão desde o direito de permanência ao básico acesso à moradia. Destacam-se as resistências contra remoções - loteamentos clandestinos, edificações ocupadas, etc - e os movimentos de comunidades e favelas para regularização fundiária.

Desse modo, é notória a insatisfação da população quanto à (falta de) estruturação dos serviços relacionados à habitação no âmbito social e popular, o que denota a importância de políticas habitacionais, atreladas à ATHIS (Assistência técnica em habitação de interesse social), como aliadas na busca por inclusão socioespacial de assentamentos marginalizados ao contexto urbano legal através de moradia digna popular.

Nesse contexto, o Programa Minha Casa, Minha Vida atua como agente promotor da construção de conjuntos habitacionais econômicos, que, atrelados a benefícios sociais podem ser facilmente financiados pela população com baixa renda. Porém, visando o menor custo e facilidade de produção, o programa faz uso de uma arquitetura universalista, carimbada indiscriminadamente em várias regiões do território, sem se preocupar com a adaptação desse único modelo em cada lugar e muito menos com a associação identitária para com a realidade do seu público alvo, comumente localizado em zonas periféricas urbanas e semi-urbanas.

LOCAL

Belém e sua região metropolitana, possui uma paisagem natural repleta de rios, várzeas e igarapés, que confluem com a malha urbana e desenham a singularidade do traçado da região. Diversas baixadas e zonas periféricas da RMB, formadas a partir dos cursos d'água, encontram-se diversas similaridades com as casas ribeirinhas das regiões de ilhas, como a palafita.

Nota-se, portanto, que características construtivas vernaculares que perduram na Amazônia durante séculos, são tão eficientes quanto à adequação climática e se prova resistente, funcional e econômica, possibilitando a inserção de um elemento antrópico de forma não (tão) agressiva ao meio, que não gera "estranhamento" aos seus naturais.

Assim, objetiva-se o desenvolvimento de um projeto arquitetônico para um conjunto habitacional de interesse social no município de Ananindeua (PA), baseado no modo construtivo vernacular amazônico.

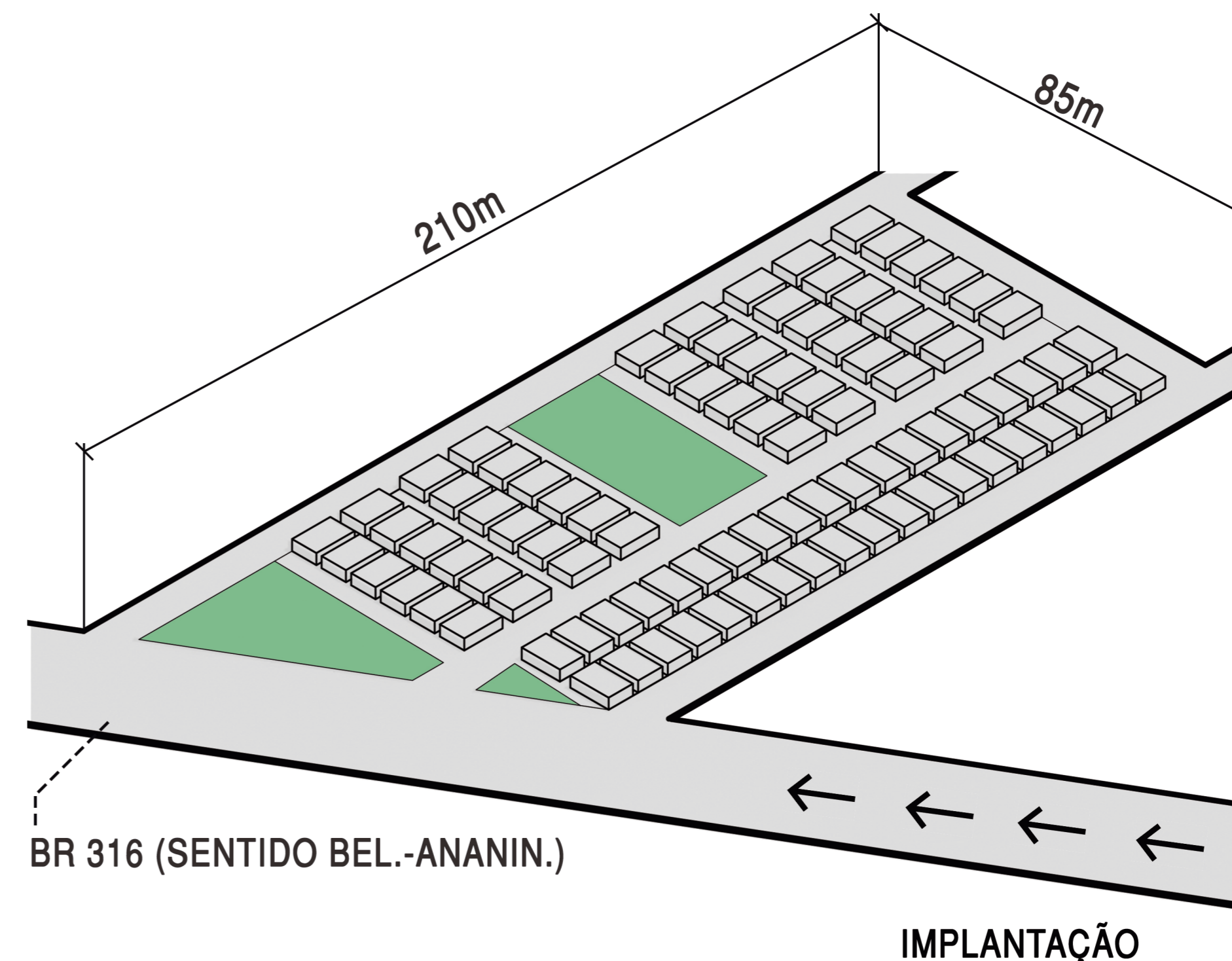
O terreno escolhido para implantação do projeto do conjunto habitacional tem endereço na rodovia BR 316 s/n, entre Passagem Bons Amigos e Rua Oséias Silva, no bairro da Guanabara, Ananindeua – PA.



ANANINDEUA



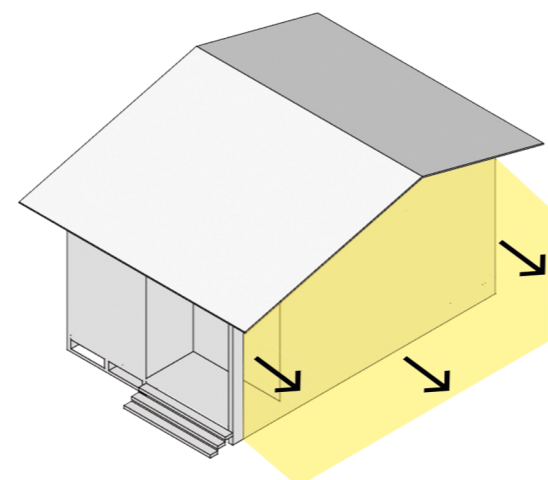
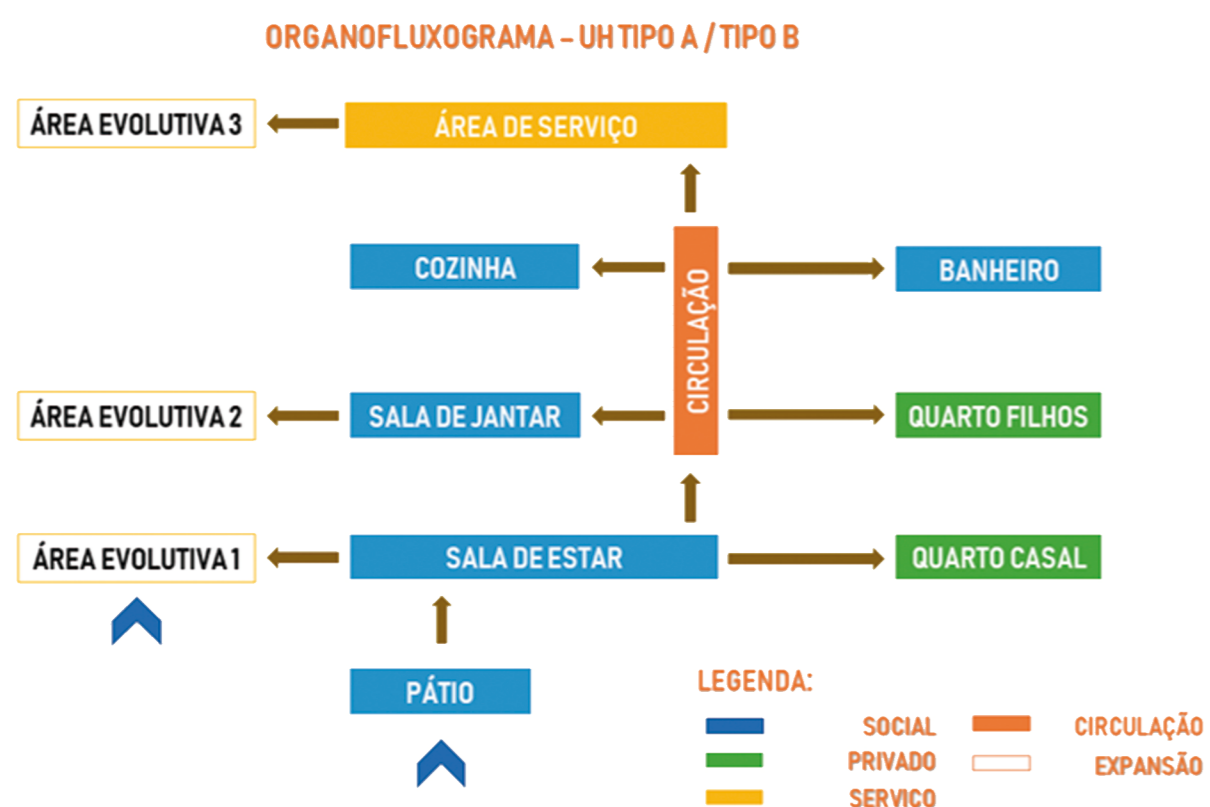
LOCAL DE IMPLANTAÇÃO



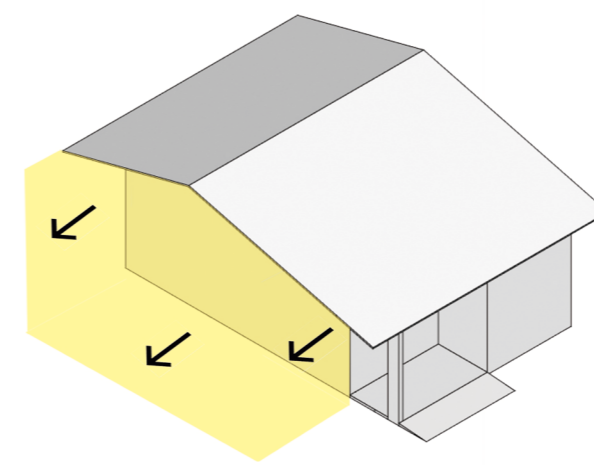
O conjunto habitacional conta com dois modelos de unidades habitacionais (UHs), do "Tipo A" e "Tipo B". Ao total, são 66 residências, sendo 50 do "Tipo A" e 16 delas - 24% do número geral - unidades adaptadas "Tipo B", destinadas à usuários com necessidades especiais. Foram consideradas no projeto as diretrizes técnicas propostas pelo Ministério das cidades para habitação de interesse social.

As UHs "Tipo B" possui espaços de circulação interna ampliados, seguindo as diretrizes da NBR 9050, dada a possível condição de mobilidade reduzida do usuário e acesso principal em rampa, ao invés de degraus.

Na definição de organofluxograma e setorização de projeto foi levada em consideração a possibilidade de mutação do espaço, com a expansão, agregação ou modificação de ambientes que compõem um lar, fazendo uso da arquitetura evolutiva. Assim, foram considerados ambientes que pudessem favorecer a adição de elementos comuns em habitações amazônicas, como o jirau - que interliga a área de serviço com a cozinha/área de convivência externa; o pátio e uma possível garagem.

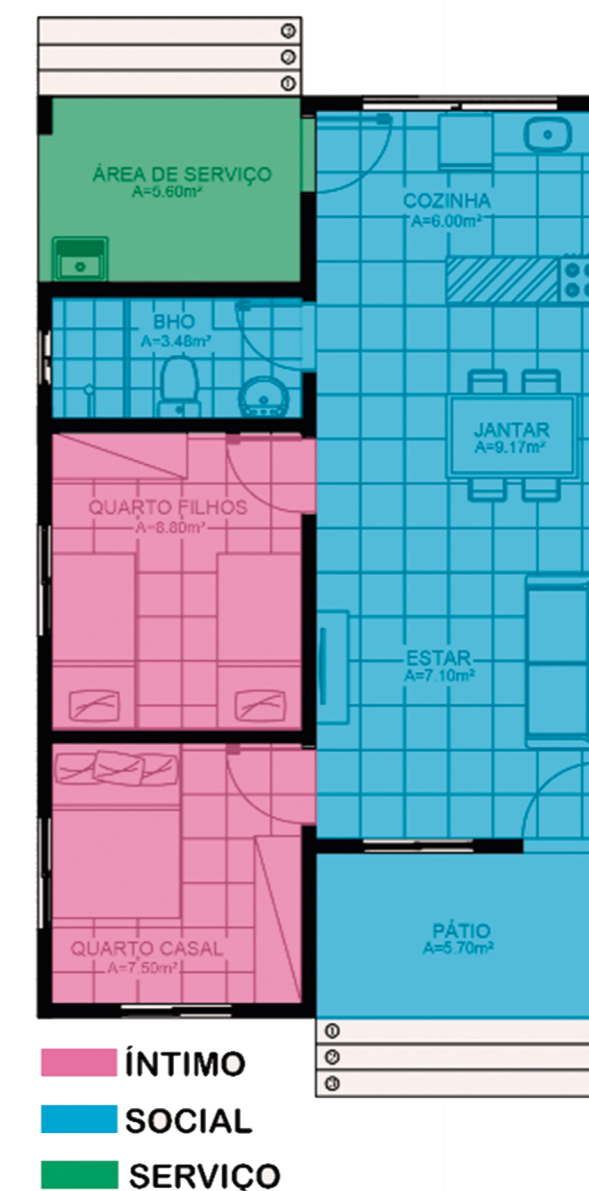


VOLUMETRIA EXPANSÍVEL UH "TIPO A"

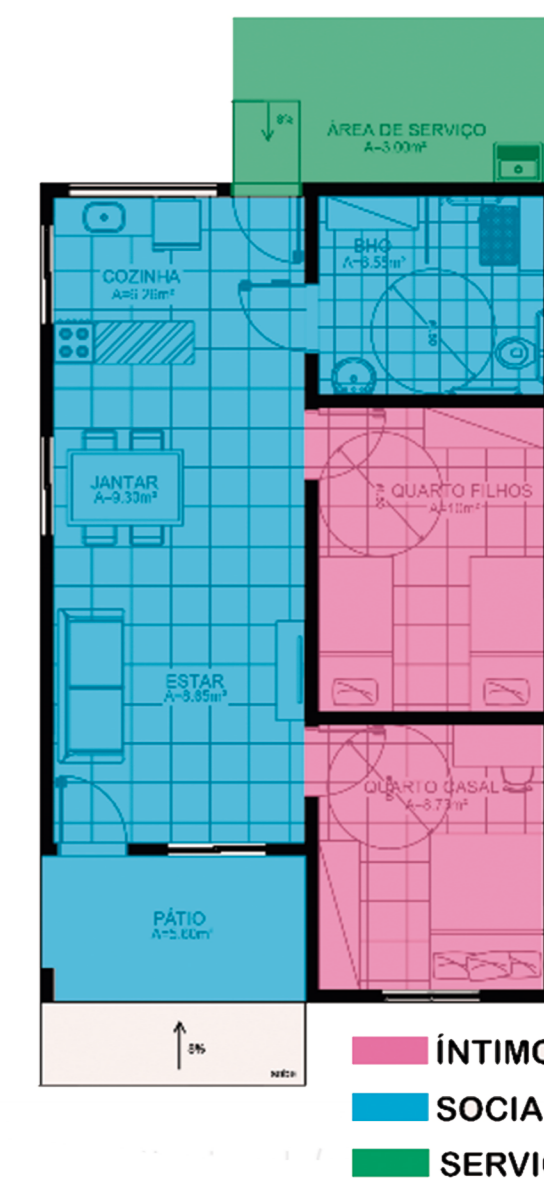


VOLUMETRIA EXPANSÍVEL UH "TIPO B"

Nos diagramas acima destacam-se a evolução volumétrica na lateral da residência - de uso a ser definido pelo morador - considerando a estrutura de pilares e cobertura pré-estabelecidas em projeto.

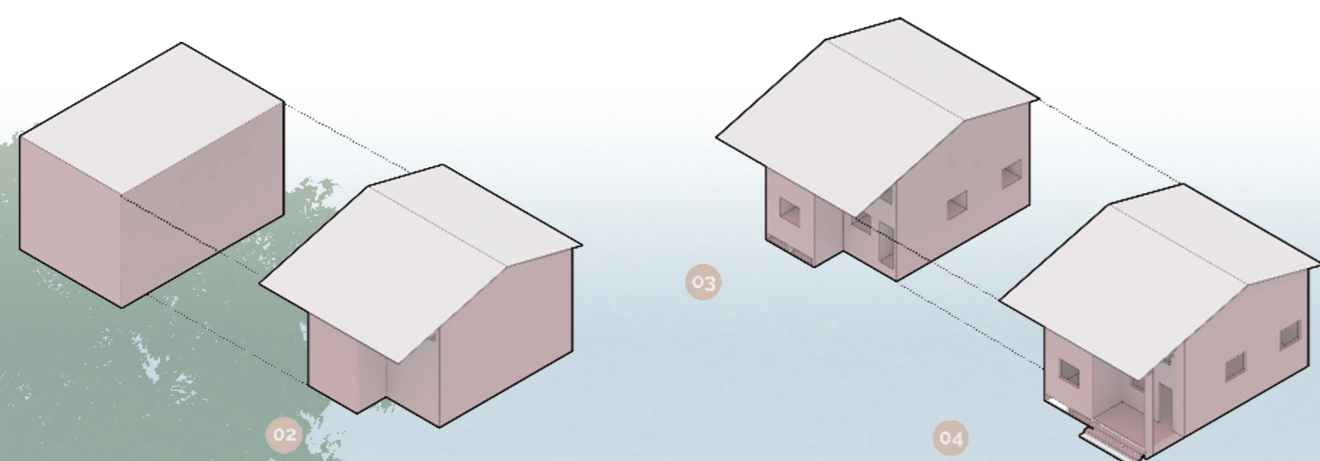


SETORIZAÇÃO UH "TIPO A"

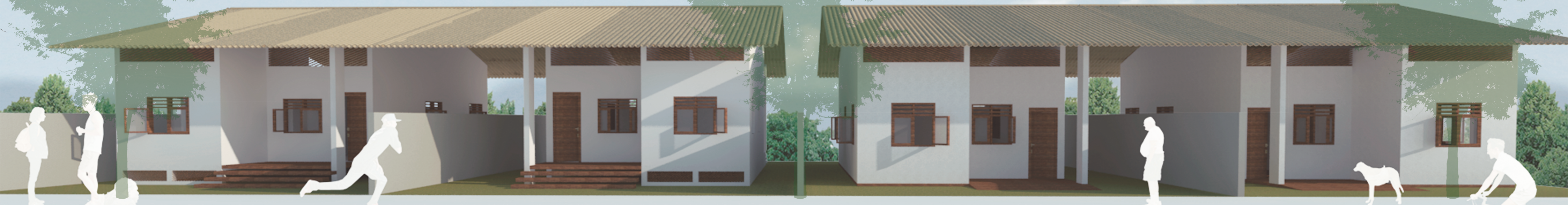
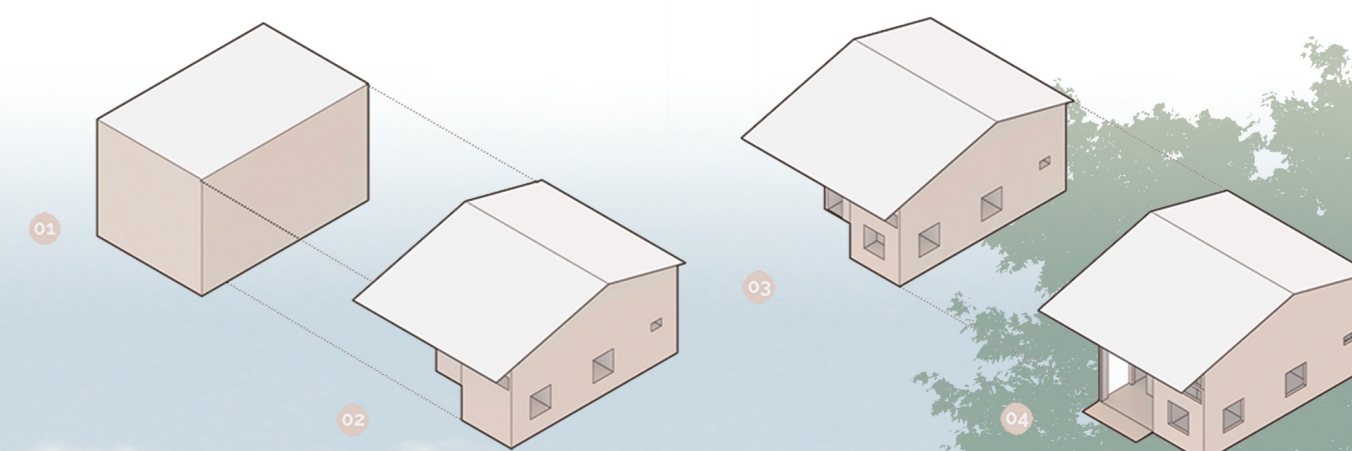


SETORIZAÇÃO UH "TIPO B"

EVOLUÇÃO DA FORMA UH "TIPO A"



EVOLUÇÃO DA FORMA UH "TIPO B"



COBERTURA CERÂMICA

O material utilizado na cobertura das unidades habitacionais é a telha cerâmica Tipo Plan, definida a partir das diretrizes indicadas pelo Ministério das cidades para habitações de interesse social Minha Casa Minha Vida, além da cor clara, considerando seu melhor desempenho térmico para a zona bioclimática em questão.



PISO ELEVADO

As aberturas superiores e inferiores favoreceram o aproveitamento das ventilações predominantes - norte e leste, além do uso de três principais soluções bioclimáticas indicadas para a Zona Bioclimática 8 (Belém): Ventilação dos áticos, ventilação do piso e ventilação cruzada.



Soluções estas, encontradas na tipologia vernacular amazônica, e replicadas em projeto através de esquadrias simplificadas em madeira, que remetem elementos artesanais da casa ribeirinha.

MUXARABI RIBEIRINHO

